

MUSEU DA PESSOA



Museu da Pessoa

Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.

Correios 350 Anos: Aproximando Pessoas (HVC)

Um grande conhecedor de madeiras

História de [Domingos Sanches Pena](#)

Autor: [Museu da Pessoa](#)

Publicado em 12/11/2013

P/1 – Sr. Domingos, bom dia! Obrigado por aceitar nosso convite. Para começar a entrevista o senhor pode começar falando seu nome completo, local e data de nascimento?

R – É. Meu nome completo é Domingos Sanches Pena, nascido dia 15 de setembro de 1939, às 4h30 da madrugada.

P/1 – Em que local?

R – Município de Breves, Rio Tajapuru, estado do Pará.

P/1 – Seus pais são de Breves?

R – São.

P/1 – Nasceram lá?

R – Nasceram lá.

P/1 - Como é o nome do seu pai e o nome da sua mãe?

R – O nome do meu pai é Manoel Gonçalves Pena e minha mãe Josefina Sanches Pena.

P/1 – E seus avós, maternos e paterno, de onde que eles eram? Você sabe um pouco a sua origem?

R – Olha, eles eram de lá de novo. A minha avó paterna chamava-se Maria Pena, paterna. E materna chamava-se Julia Sanches.

P/1 – Essa origem mexicana do senhor vem da onde?

R – Olha, os meus bisavós, eles falaram, que vieram do México, só que ficaram aqui no Pará e ficou sendo paraense, brasileiro.

P/1 - E seus avós, você sabe o que eles faziam, materno e paterno? O que eles faziam?

R – O que eles faziam?

P/1 – É.

R – Eles eram seringueiros, que era no tempo da borracha, trabalhavam em seringa, aqui no município de Breves. E também trabalhavam com roça. E já meu pai trabalhava em engenho de açúcar.

P/1 – O que ele fazia no engenho?

R – Era, ele fazia era açúcar, fazia açúcar, cana de açúcar. Era engenho movido a tração animal. Então foi por essa causa que eu não pude frequentar certas escolas, porque eu desde pequeno eu trabalhava lá no engenho porque era movido a boi, sabe, tração animal, que quando os bois eles se ‘ferreavam’ que não queriam andar, então não tinha quem fizesse eles andar, então eu chegava lá, batia neles, brincava com eles, aí eles corriam e ficavam, funcionavam normal. Assim..

P/1 – Você sabe como seu pai e sua mãe se conheceram?

R – Não, não sei.

P/1 – E aí eles se conheceram e foram morar juntos em Breves?

R – Foi. Casaram e foram para Breves.

P/1 – Quantos filhos eles tiveram?

R – Tiveram seis.

P/1 – Você é qual nessa escala, assim?

R – Eu sou o segundo.

P/1 – E como é que era a casa que vocês moravam em Breves?

R – As casas que moravam em Breves era casa de palafita, no ribeirão...

P/1 – Como é que era por dentro?

R – Ah, por dentro era tudo em estilo rústico, naquela época. Coberto com palha de buçu e assoalho, assoalhado com paixiúba.

P/1 – O quê? Paixiúba?

R – É. É uma palmácea que tem muito no interior.

P/1 – E quanto cômodos tinha?

R – Ah, tinha, era muito... Tinha o quarto da mamãe, tinha o nosso, tinha o da empregada, ainda tinha mais outro lá, um quarto cômodo, fora a sala.

P/1 – E os irmãos dormiam todos juntos?

R – Era, os irmãos dormiam tudo junto.

P/1 – Os seis?

R – Sim. Mas de lá foram crescendo e saindo e assim foi indo.

P/1 – E como é que era Breves naquela época, que o senhor era criança?

R – Olha, aliás Breves não mudou nada, continua quase do mesmo jeito. Só que corria mais dinheiro era por causa da fábrica da borracha. Então corria mais dinheiro lá. De lá passou para madeira e agora é só comércio.

P/1 – Como é que era na sua casa, quem que exercia autoridade, seu pai ou sua mãe?

R – Olhe, sempre é a mãe. Porque o pai passava o dia fora. Sempre era a mãe, é...

P/1 – E quais eram suas brincadeiras de infância? Do que o senhor brincava?

R – Ah, a gente brincava muito, era a turma do banho de rio, era jogando bola, brincando com pipa, e assim era na infância.

P/1 – E com quantos anos o senhor começou a trabalhar, ajudar seu pai?

R – Com 15 anos. Aliás, menos, com 13 anos eu comecei a viajar. Eu viajava de Belém ao Rio Madeira. Então conhecendo todas essas áreas por aí. Só que um dia, quando eu estava com 16 anos, eu achei que eu não devia seguir essa profissão de marítimo.

P/1 – Mas você começou com 13 anos fazendo o quê? Essa de marítimo?

R – O marítimo.

P/1 – O que é marítimo?

R – Marítimo é trabalhar nas embarcações, como moço de convés. Eu entrei como moço de convés, que quando eu saí eu já era o comandante.

P/1 – Como que é o primeiro trabalho que o senhor fez?

R – Como moço de convés. Arrumando...

P/1 – Como o quê? Buço?

R – Moço de convés.

P/1 – Ah, moço de convés.

R – É, sim. Arrumando as coisas, lavando o convés, verificando as coisas que estavam mal agasalhadas, ia agasalhando e era assim.

P/1 – Mas antes o senhor disse que trabalhou com seu pai empurrando boi no engenho.

R – Foi.

P/1 – Quantos anos o senhor tinha?

R – Desde os 10 anos. Eu estudava e trabalhava, estudava e trabalhava.

P/1 – Com quantos anos o senhor entrou na escola?

R – Ah, entrei na escola acho que com 7 anos já comecei a estudar.

P/1 – Como é que o senhor ia para escola?

R – Ah, a escola era bonita. Era uma escola bonita que tinha. A professora chamava-se Filomena dos Santos Soares, que até hoje eu ainda tenho saudade dela. Interessante.

P/1 – Como que ela era?

R – Ah, era uma mulher bonita, uma mulher branca, muito bonita e muito educada. A gente estudava com ela.

P/1 – Você ia como para escola?

R – Nós íamos de canoa, a remo. Mas ficava pertinho. Um barquinho leve. Ficava pertinho. E ia muita gente. Eu estudava na parte da manhã e na parte da tarde eu ia para o engenho. E depois eu passei a estudar em casa, porque já na escola ficava meio longe para o trabalho, aí meus pais resolveram contratar professor em Belém. Aí vieram e então nas horas vagas eu começava a estudar. E foi levando a vida assim.

P/1 – Você teve educação religiosa na sua casa?

R – Olhe, nessa época nós éramos católicos. Era sim. Minha mãe era muito católica. Mas foi depois que eu cresci que eu comecei a estudar várias religiões, e procurando uma religião certa. Como foi a católica a religião... Da Assembléia de Deus... Tudo isso eu pesquisei, e fui encontrar a verdade na Igreja Adventista do Sétimo Dia porque estava tudo baseado na Bíblia Sagrada.

P/1 – Mas a sua mãe era católica, vocês iam à igreja, como é que era?

R – Ah, era católica. Nós íamos todo domingo na igreja.

P/1 – E tinha festas lá em Breves? Que festas vocês comemoravam?

R – Ah, festa tinha várias festas. Tinha festa de São João, festa pelo Natal, ano. Era muito bonito.

P/1 – Como é que vocês comemoravam o Natal?

R – O Natal a gente comemorava em família. Meu pai preparava tudo com minha mãe, aí chegava o dia, vinha a família todinha, se reunia, que era para fazer a ceia. Muito bonito.

P/1 – E como é que era a festa de São João?

R – A festa de São João era dançar as quadrilhas. A gente dançava quadrilha. Aquele que dançasse melhor ganhava prêmio na festa de São João. E antes quando eu era católico, eu dançava. E, olhe, uma coisa muito interessante, para as pessoas que dançam bem, que agora não dançam bem, não. Para as pessoas que dançam bem é muito bom para pessoa que é novo arranjar namorada. Porque as mulheres gostam mais de dançar com gente que dança bem, cavalheiros que dançam bem. É assim. Quando eu comecei a viajar, que eu dançava, chegava nessas cidades e aí era fácil para arranjar namorada, porque dançava bem, era fácil quem queria dançar com a gente.

P/1 – Com 13 anos o senhor começou nessa profissão de...

R – Marítimo.

P/1 – Marítimo? Para que lugares que o senhor viajou?

R – Eu viajava de Belém ao Madeira. Rio Madeira, no Rio Amazonas. Fazendo escalas em Breves, Gurupá, Almeirim, Santarém, Óbidos, Oruximiná e Maués, Terra Santa, Manaus, e de lá nós entrávamos no Madeira, ia até Cruzeiro do Sul e Xapuri, que demorava um mês e quatorze dias de baixo para cima.

P/1 – Que ano que era isso? Mais ou menos...

R – Ah, eu tinha 15 anos e fui até os 18 anos.

P/1 – E como é que era essa região nessa época?

R – Ah, essa região é uma região muito pobre, essa região. A vida dos ribeirinhos é uma vida muito sofrida. As pessoas lá, desde essa época era difícil colégio, difícil professor, a maioria do pessoal era analfabeto. Só que a gente tinha que dançar conforme a música, conversava com eles...

P/1 – E o que o senhor fazia nessas regiões? Qual era o motivo dessas embarcações?

R – Era carregar material, quer dizer, negócio de mercadorias para essas cidades.

P/1 – Que mercadoria?

R – Começava de açúcar, era açúcar, café, toda essa parte básica, até bebida. Aí quando vinha... Aí o dono entregava mercadoria e em troca comprava pirarucu, essas carnes, boi, essas coisas toda, e trazia para vender Belém. Era assim. Era um comércio assim.

P/1 – Mas quem eram os donos dessas embarcações? Era comerciante?

R – Eram os comerciantes, era.

P/1 – Para levar mantimento para as populações?

R – Para população. Aí nessas alturas eu já era o marinheiro de bordo que levava o barco.

P/1 – Nesse período que história interessante, que marcou o senhor, que você lembra dessas embarcações?

R – Nessas embarcações?

P/1 – Um caso.

R – Olhe...

P/1 – Deve ter vários.

R – Tem várias histórias. Olha, mas o que me marcou mais sabe o que foi? Porque o marinheiro, que anda a bordo, primeiramente ele não tem amor, ele não tem um amor seguro, o caso dele é fazer número, arranjar namorada em toda cidade que tiver, que chegar, se divertir, arranjar namorada, namorar, quando chegava na outra cidade já estava se lembrando de outras. Era assim. Então isso é uma coisa marcante da vida da gente quando a gente é novo, mas depois eu pensei, eu achei que isso não era certo fazer uma coisa dessas, aí eu saí, aí eu não quis mais trabalhar.

P/1 – E algum caso que tenha acontecido, assim, quando o senhor estava fazendo entrega de mercadoria? A embarcação virava? Como é que era esse transporte? Tipo assim, teve algum acidente alguma vez?

R – Ah, acidente sempre existia.

P/1 – Você estava em alguma vez que aconteceu um acidente?

R – Eu estava. Aconteceu um acidente numa viagem aqui. Próximo a Faro, quem vem para Itacoatiara. A gente vinha viajando, aí vinha uma canoa que vinha andando. Porque tem embarcação a bombordo e boreste, esquerda e direita. Aí a canoa vinha, o cara vinha na canoa, aí o cara viu que ele queria ultrapassar, aí tirou para cá o barco. Aí ele remou. Aí não teve como ele desviar, aí a embarcação bateu na canoa dele e ele caiu na água. E no Amazonas, quando a pessoa cai n'água, dentro de cinco minutos é devorado por piranhas. Piranha é um peixe voraz que tem na Amazônia.

P/1 – E o senhor viu ele sendo devorado?

R – Olha, dentro de fração de segundo, quando ele caiu n'água eu só vi quando levantou, as piranhas levantaram, pegaram ele, quando caiu já foi só os ossos. Aí chegou o pessoal para acudir, mas tiraram só os ossos dele. Mas isso em fração de minutos. Não pode pular na água. Agora já pode, mas antigamente não podia pular na água assim no Amazonas.

P/1 – E com a embarcação do senhor não aconteceu nada?

R – Não. Com a embarcação não aconteceu nada. Foi só esse acidente porque ele caiu n'água.

P/1 – E nas cidades, o senhor dormia? Como é que era? O senhor passava em uma, em duas, como é que era dinâmica?

R – Não. Nas cidades nós só fazíamos sair para as festas, mas nós vínhamos dormir no barco, não dormia na cidade, não. Só fazia sair.

P/1 – O senhor, nesse período, começou a conhecer essa região? O senhor explorava? Já tinha esse gosto por conhecer a floresta, as plantas, as espécies?

R – Olhe, um detalhe que eu não falei: quando eu comecei a estudar em casa, que eu estudava e trabalhava. Então eu estudava com os padres. Naquele época, os padres falavam mais em latim. E eu aprendi alguma coisinha, algumas palavras, mas ficou retido só na minha mente aquelas palavras que eu aprendi, aí depois quando eu viajei, que saí, aí eu comecei a trabalhar por minha conta em barcos, em regatão que chamava. Nesta beira, comprando coisa e vendendo.

P/1 – Aí você passou a ser comerciante.

R – Foi. Passei a ser comerciante, mas aí eu via que não dava. O negócio não dava certo, as despesas não cobriam o lucro. E eu fiquei pensando: “O que é que eu vou fazer?”. Aí quando eu tinha já mais ou menos 25 anos de idade, aí eu conversando com um senhor em Belém e ele disse: “Rapaz é o seguinte: a gente tem que trabalhar em empresas, porque em empresas a gente paga o INSS e a gente já fica se preparando para aposentadoria, porque quando a gente ficar velho a gente já tem um salário digno.”. Eu digo: “Sabe que isso é certo”, porque por minha conta eu não tinha nada disso. Aí eu passei a trabalhar numa firma chamada PVS, em identificação de madeira, porque eu já conhecia alguma coisa. Lá tinha porto de embarque e tinha serraria. Na serraria eu conhecia madeira serrada, e no porto de embarque eram madeiras em toras, que eram exportadas.

P/1 – Mas por que o senhor conhecia?

R – Hein?

P/1 – Por que o senhor conhecia?

R – Ah, eu tive uma visão comigo de querer saber tudo.

P/1 – Como assim?

R – Porque é assim o seguinte, se eu vejo um livro eu quero saber tudo daquele livro. E eu ouvia falar da parte botânica, ouvia falar o que é que engenheiro florestal fazia, conhecia esse negócio de planta, essas coisas, e eu comecei a estudar também isso tudinho.

P/1 – Com quantos anos?

R – Ah, desde os 15 anos comecei a dedicar a nesse negócio de planta, já.

P/1 – Por quê? Quem que o senhor viu? Quem que te inspirou?

R – O que me inspirou era o conhecimento, o que eu queria conhecer, porque a parte marítima eu já conhecia, religião também já conhecia, então faltava eu conhecer as plantas, porque é uma coisa grande. Aí comecei a conhecer as plantas. Aí comecei a trabalhar nessa serraria. Passou-se de lá. Foi tempo que a serraria acabou, parou, eles pararam, porque a exportação ficou meio ruim, e eles pararam. E eu fiquei em Macapá. Aí eu comecei a trabalhar por conta própria de novo, porque eu tinha um conhecimento. Eu comecei a trabalhar por conta própria, compra e vendia alguma coisa. Aí quando foi dia 9 de maio de 1971, um dia eu estava lá no hotel em Macapá aí quando foi, assim, à noite, porque à noite a gente

estava batendo um papo lá com o pessoal, aí um falou para mim: “Olha, é o seguinte, eu me chamo de Iuiu”. Eu falo até isso do nome, Iuiu. “E eu estou aqui para contratar classificador de madeira para levar para Jari”, “Você não quer dar uma experimentada lá na Jari?”. Isso dia 9 de maio à noite. Eu disse: “É, rapaz, eu vou lá dar uma experimentada”. Mas aí, como a Jari era uma companhia grande, eu pensava: “Vem cá, será que eu vou fazer teste lá e eu vou passar no teste?”. A gente se pergunta à gente mesmo. Mas eu já tinha um conhecimento bom. Aí que quando foi dia 14 de manhã eu apanhei o avião, Macapá, aí vim para cá para Monte Dourado, fiquei em Jarilândia. Lá em Jarilândia era o começo da Jari.

P/1 – O que o senhor sabia do Projeto Jari naquela época?

R – Eu não sabia nada. Não sabia nadinha sobre o Projeto Jari. Só ouvia só comentário, só sabia comentário. Mas, a única coisa que eu sabia é que Jari, o dono primeiro dela, primeiro, era José Júlio de Andrade. Era um cearense que conquistou essas terras tudinho. Ele era coronel com patente comprada, que naquele tempo era assim, quem tinha dinheiro comprava tudo. Aí quando foi dia 14 de maio de 1971, às 9 horas do dia, eu me apresentei no escritório...

P/1 – De Jarilândia...

R – Do Jarilândia. Era, o nome era Companhia Florestal Monte Dourado. Não, Companhia Florestal. Aí eu pensei muito: “Quem sabe como vai ser o teste?” Porque já tinham me falado que para ser empregado de uma firma tinha que fazer teste de um bocado de coisas. Aí eu fui lá falar com o americano. A visão dos americanos aqui era uma visão diferente da que tem os brasileiros. Porque hoje aqui para gente subir a gente tem que ter diploma, tem que ter isso, tem que ter aquilo, um bocado de coisas, ter o estudo bom. Se a gente não tem nada disso com os brasileiros o cara não sobe e com os americanos eles veem a visão das pessoas. O Seu Larry, que era o americano, que era o chefe da madeira, ele disse para mim: “Olhe, você chegou agora?”, “Foi?”, “Então seguinte, vá lá para o porto, pegue uma voadeira e comece a trabalhar. Classificador de madeira?”, “Sim”. Está bom. Quando eu cheguei lá na beira era muita gente. Tinha mais de 50 classificadores e eu cheguei lá como novato. Aí já tinha lá um rapaz me esperando com uma catraia.

P/1 – O que é catraia?

R – É, catraia, que era para nós darmos uma volta na beira do Jari. Aí eu fui.

P/1 – Catraia é barco?

R – É barco, esses barcos pequenos, com motor de popa.

P/1 – E voadeira?

R – É voadeira que chama.

P/1 – Catraia é voadeira?

R – É. Voadeira. Aí a gente ficou, ficamos andando por lá. Foi o primeiro dia de trabalho. Andamos por lá, aí quando foi no outro dia o americano veio e disse: “Agora nós vamos medir madeira”. “Está”. Aí ele disse assim: “Olha, nós não usamos o sistema decimal aqui, nós usamos bodyfeets, que é a medida americana primitiva”. “Tudo bem”. Era uma régua, ia medindo os metros cúbicos, o bodyfeet. E eu me interessei a conhecer essas medidas americanas, como: bodyfeet, metros lineares, sistema decimal, que o sistema decimal é usado só pelos brasileiros, e doyle. É tudo medida que, no final, é conta diferente, mas dava certo.

P/1 – Você aprendeu tudo?

R – Foi. Aí, que quando chegou eles agarraram e me deram uma lista de madeira, que eu olhei a lista nome científico, o latim, aí não teve problema.

P/1 – Quais que eram?

R – Era andiroba, era virola, essas coisas toda. Porque ela tem o nome, andiroba. O nome vulgar, conhecido, é andiroba, mas o nome científico, que é em latim, é *Carapa guianensis*. Então outras pessoas lá, eles conversavam sobre o latim só que falavam meio atrapalhado. Porque o latim você tem que conversar como que se falando a palavra aportuguesada, assim, que no fim dá certo. Aí eu fiquei medindo madeira.

P/1 – E essas madeiras... Qual que era a relação com os madeireiros? O que eles faziam com madeira? Para quem que eles comercializavam?

R – Olha, a madeira era toda exportada para os americanos. Em Jarilândia quando tinha um navio ancorado tinha cinco aguardando a vez para entrar para poder carregar. E o crédito era o que cabia.

P/1 – Mas eles tiravam madeira daqui?

R – Não, era comprada a madeira de todo canto. Era tirada, sim.

P/1 – E eles exportavam para os Estados Unidos?

R – É, para os Estados Unidos, para todo canto do mundo, essa madeira.

P/1 – E como é que ela era retirada? Como é que era feita a retirada da madeira?

R – Olha, tinha os madeireiros, que a chamava de patrão, eles compravam do pessoal que cortava madeira e tiravam, aí preparavam as jangadas e os americanos compravam. Mas era muita coisa, era muita madeira.

P/1 – Qual que era a principal?

R – Era andiroba, sucupira. Aquele outro... Muiratinga. E eram só essas madeiras que boiavam.

P/1 – Mas tinha replante depois?

R – Era só colheita, não replantava nada. Aí foi indo, foi indo, de lá, quando começou a chegar esse negócio de irmão essa coisas, para cá, aí ficou meio apertado. Aí eles agarraram, pararam a madeira. Aí começaram nos projeto arroz, os americanos, e também desmatando as áreas para plantar gamelina.

P/1 – Para plantar?

R – Gamelina.

P/1 - O que é Gamelina?

R – Gamelina é uma planta da Ásia, que foi plantada aqui. O nome científico dela é Gmelina arborea, ela é da família das Verbenaceae, e ela se deu muito bem aqui, mas só que desenvolveu pouco, a quantidade de metros cúbicos ali não...

P/1 – Para que é que ela servia?

R – Para fazer celulose. Aí que quando eles começaram a desmatar aqui as terras, os americanos. Era bom nesse tempo, a gente ganhava muito dinheiro, porque fazia muita hora extra. Olha, eu lhe digo sinceramente, quando eu recebi meu primeiro pagamento quando eu cheguei em casa com o dinheiro, aí eu disse à esposa: “O que nós vamos fazer com esse dinheiro?”

P/1 – Que casa? Dos seus pais ou você já estava casado?

R – Já estava casado. Quando eu fui para o Jari eu já era casado.

P/1 – Então você veio com a sua mulher para cá.

R – Foi. Primeiro eu fui para Macapá depois é que eu trouxe ela para ir para Jarilândia.

P/1 – Aí você chegou com o dinheiro...

R – E eu disse: “O que nós vamos fazer com tanto dinheiro?” Porque quando foi depois, que a gente se acostumou, já achava pouco já, o dinheiro, é. E no tempo dos americanos, que o dono era o Ludwig...

P/1 – Qual que era o nome da sua profissão?

R – Minha profissão? Era classificador de madeira.

P/1 – Chamava classificador de madeira. Era só madeira, ainda não tinha planta?

R – Não, era só madeira. Ainda não tinha planta, era só classificador de madeira. Aí a exportação para. Quando a exportação parou um bocadinho dos identificadores foram demitidos. Eu, eles me botaram para o almoxarifado. Eu comecei a trabalhar no almoxarifado com peças. Aí surgiu o São Raimundo, que era um projeto muito grande, o projeto arroz aqui. Aí tinha duas firmas grandes que forneciam material a Tink e a SKF, aí eu passei a trabalhar lá.

P/1 – Você saiu do Jari?

R – Não, eu fui só transferido.

P/1 – Porque era um empreendimento do mesmo grupo, do Jari.

R – É, o empreendimento é o mesmo. Eu saí de lá, lá de Jarilândia, e fui para o São Raimundo ser enquadrador de peças. O enquadrador de peças é o seguinte, se tem um rolete com uma referência da Tink e tem outro da SKF ou de outra fábrica com outra referência, mas às vezes o

rolamento é igual, então eu já sabia: a referência tal com a referência tal de outra é a mesma coisa.

P/1 – Mas como é que o senhor aprendeu isso?

R – Ah, eu aprendi pelo INPR. INPR é um livro. Eu acho que esse livro deve estar guardado aqui ou então sucitado em alguma parte, que porque o pessoal nem sabe o valor que tem esse livro. Eu peguei esse livro no almoxarifado e comecei ler e comecei a ver esses negócios como era que acontecia.

P/1 – E só de ler o senhor aprendeu?

R- Só de ler eu aprendi. Olha, a gente tem que ter visão das coisas, aprender alguma coisa porque um dia vai servir para alguma coisa. Aí, quando foi depois o projeto arroz começou a cair, eu vim transferido para uma serraria aqui em Monte Dourado de lá do São Raimundo. Quando cheguei aqui fui trabalhar na serraria. Depois o pessoal falava que vinha uma fábrica para cá, aí eles começaram a preparar o pessoal.

P/1 – Mas isso tudo dentro do Projeto Jari?

R – Tudo dentro do Projeto Jari. Aí, eles falaram que vinha uma fábrica para cá. Então a gente tinha que se preparar. Então a gente começou a fazer curso. Veio o Senai para cá, fazer curso de identificação de madeira, essas coisas toda. E eu comecei a fazer curso e comecei a ver a densidade da madeira. Comecei a estudar comigo a densidade da madeira. Que hoje eu sei qualquer densidade da madeira.

P/1 – Qual que é o quê?

R – Eu sei a densidade tudinho da madeira.

P/1 – Densidade.

R – É, densidade, o peso específico. Que a Jari ia fazer o aproveitamento porque quando ela derrubava madeira, tirava a madeira dura para queimar e outra para serrar e sobrava a madeira mole, quer dizer que é a madeira que era branca, que ela ia aproveitar também para celulose, como ela aproveitou uma base de 103 espécies aqui. E eu comecei a me aperfeiçoar no conhecimento da madeira nativa para celulose.

P/1 – Como é que o senhor começou a conhecer? Como é que o senhor distinguia uma da outra, a densidade?

R – Eu ia vendo a densidade, porque a densidade era tudo feita nos Estados Unidos, e vinha para cá, a densidade, agora muito gente nem se preocupava a ler...

P/1 – Mas como é que o senhor mede a densidade?

R – Olha, a densidade é o seguinte: um quilo de madeira... Eu vou buscar um livro aqui, só um instantinho, é um minuto aqui, só para eu explicar uma coisa aqui. Esse aqui é o código que nós usamos pela Jari, aqui é o nome vulgar, aqui é o nome científico, aqui foi o botânico que identificou, aqui é a família, dessa Lecitidácea, mas quem identificou essa aqui foi NTS, Nilo Tomás da Silva, que foi o meu professor aqui em conhecimentos botânicos, que foi o homem que teve mais conhecimento da parte botânica que já passou por aqui, da Jari. E aqui, olha, está o metro, está o peso, verde de 1 metro cúbico verde, que é 1210, aqui é o peso seco que é a densidade básica, 750 quilos por metros cúbicos secos, aqui é o tanto de água que tem, 46.4%, aqui é a floração e aqui a frutificação.

P/1 – Nossa, o máximo!

R – Então eu tenho todos esses dados.

P/1 – Como é o nome desse professor que o senhor falou?

R – Nilo Tomás da Silva.

P/1 – Quando que o senhor teve aula com ele?

R – Ah, eu tive aula com ele aqui mais ou menos um cinco anos direto.

P/1 – Mas quando? Quando você veio trabalhar no Jari?

R – Quando eu vim trabalhar no Jari.

P/1 – Mas ele era contratado daqui?

R – Ele era o botânico aqui da Jari.

P/1 – Ele é da região ou veio de fora?

R – Não, ele era filho de índio. Mas muito inteligente.

P/1 – Filho de índio?

R – De índio.

P/1 – Ele conhecia tudo aqui?

R – Conhecia tudo. Agora, muita gente não aprendeu nada com ele porque não queria aprender e eu vi que esse homem era muito inteligente e eu suguei o que eu pude.

P/1 – Esse Nilo ele é filho de índio? Ele era daqui da região?

R – Não. Era o seguinte... Eu vou contar a história como que foi que aconteceu. Tinha um botânico que passou por aqui há mais de 80 ou 100 anos, então quando ele passou por aqui ele identificava as espécies, era botânico. Era o Murça Pires, chamava-se Murça Pires. Ele chegou numa aldeia...

P/1 – Ele era da onde?

R – O Murça Pires? O Murça Pires acho que era alemão. Ele chegou numa aldeia aí no Amazonas e lá ele viu um garotinho, desse tamanhinho assim, barrigudo, sentado, jogado no canto da casa, no canto da aldeia. Aí ele perguntou para o chefe da aldeia: “E esse menino? O que é que faz esse menino aqui?” Ele disse: “Olha, é o seguinte, esse menino morreu o pai dele e a mãe e ele está só. Então assim, quando está só assim se adoecer a gente mata, se sobreviver a gente adota” Aí ele disse assim: “Vocês não queriam me dar esse menino?”. O Sr. Murça falando: “Você não queria me dar esse menino?” Pode levar. Nesse tempo era fácil para pessoa. Agora não, com essa documentação é grande, agora não é fácil levar, mas naquela época, não. Disse: “Pode levar”. Ele pegou o menino, mandou dar banho no menino. Aí botou no avião e levou ele para Belém, chegando lá botou ele no Museu Goeldi para ficar lá estudando e aprendendo. Mas como o índio tem uma mentalidade muito boa, que o menino tinha, o menino chegou lá no meio dos botânicos e dos identificadores, e desenvolveu muito rápido, uma coisa inesperada, que quando ele ficou rapaz já aí ele disse: “Agora que já está feito aqui no museu, agora tu vai trabalhar”. Aí ele começou a se empregar por aí tudo, por aí deu conclusão dele vir para cá para Jari, ele foi contratado para o Jari, o Sr. Nilo. Aí quando ele chegou aqui era um dos melhores botânicos aqui da região, que tinha. E ele aprendeu. Só que antes dele se empregar aqui na Jari, ele adoeceu, andando assim por esse interior. A doença é tuberculose. Naquela época a tuberculose não tinha cura ainda. Aí os médicos em Belém chamaram a esposa dele. Ele tinha uma companheira... Chamaram e disseram para ela o seguinte: “Leva o Nilo para casa porque ele vai morrer, que ele não tem, ele pegou uma doença e não tem cura”. Aí ela chegou lá ela contou para ele, e ele chegou para ela e falou faz o seguinte: “Avisa os meus colegas lá do museu que façam uma vaquinha e mandem me deixar lá na minha aldeia, que eu quero me curar”. Aí arranjaram dinheiro para ele, ele pegou passagem e foi embora para lá, para aldeia.

P/1 – Onde quer era a aldeia?

R – Lá no Acre. Aí chega lá o tuxéu, tuxéu disse assim: “O branco muito inteligente, mas dessa vez não sabe nada. Vou curar o Nilo”. Aí mandou pegar uma casca no mato com o nome de xixuá, que é uma planta que tem no mato. Porque o xixuá, que o nome científico é Maytenus mecionoides, é da família das celastráceas. Aí começaram dar o chá para ele. Com seis meses que ele estava lá ele disse assim: “Olha, vá lá com o teu médico, porque você está curado”. Que quando chegou até o médico ficou surpreso, parecia que ele estava sonhando. Ficou curado, ficou curado. Aí ele voltou para trabalhar e ele veio para cá e se empregar aqui na Jari, quando ele se empregou na Jari aqui que estava o fluxo, aí tinha o chefe aqui da pesquisa, era o Seu Sérgio Coutinho, e tinha a esposa dele Maria Joaquina, que era uma bióloga. Que os nomes deles estão por aqui. Seu Nilo veio trabalhar com eles e eles gostaram porque Seu Nilo conhecia muita coisa. Aí Seu Nilo começou a pegar alguns que eram meio inteligentes, como eu também, entrei na mesma canoada deles, comecei a trabalhar com eles. Só que eu era, e sou, e era uma pessoa meio fechada. Eu gosto de outros comentários, que outros comentem o que eu faço, não eu comentar. Porque é muito melhor assim, aquela pessoa saber que o cara sabe, então outra pessoa falar que ele sabe, do que a gente começar a se exibir, dizer que sabe. Eu gosto de ficar calado, porque a gente aprende mais. E eu fiquei aqui, passou esse tempo depois. Eles saíram, tudo mais. Seu Nilo foi embora, morreu. E eu continuei aqui na Jari, ficando tomando conta aqui da xiloteca, tomo conta de um orquidário e de um viveiro de plantas aqui.

P/1 – Vamos chegar aí. Vamos voltar?

R – Vamos.

P/1 – Nessa época que o senhor estava aprendendo com o Sr. Nilo, como é que era a comunicação aqui? Como é que as pessoas se comunicavam daqui para o resto do Brasil, ou mesmo você com seus parentes, qual que era o meio de comunicação?

R – A gente saía quando ia de férias, a gente saía para passear.

P/1 – Não, mas como vocês se comunicavam? Era carta?

R – Ah, era carta.

P/1 – Você se comunicava com alguém por carta?

R – Era por carta, porque nesse tempo não tinha celular, não tinha computador, não tinha nada aqui, não. É, era por carta.

P/1 – E com quem que o senhor se correspondia, o senhor escrevia carta?

R – Escrevia carta e mandava para certas pessoas conhecidas.

P/1 – Para quais pessoas?

R – Quando eu tinha um conhecido que ia para Breves eu dizia: “Olha, pega essa carta e leva lá para o meu pai. Pega essa aqui e leva para minha mãe. Pega essa aqui e leva para o meu irmão”. Ai demorava a chegar outras cartas, a gente se comunicava por carta.

P/1 – Mas existia já Correios aqui?

R – Não tinha, nadinha. Não tinha Correios, não tinha nada aqui, não. Correios só chegaram depois.

P/1 – Quando que chegou Correios aqui?

R – Olha, os Correios chegaram depois que a fábrica chegou é que chegou o correio e chegou o Unibanco. Depois do Unibanco veio o Bradesco, por último veio o Banco do Brasil. O HSBC que era o Unibanco, aqui, o HSBC. E é assim. Agora não, agora está tudo bom.

P/1 – E como é que era viver aqui, como é que, além de trabalhar, como é que vocês se divertiam? O que vocês faziam?

R – A diversão mais era no Laranjal do Jari. Ia para lá, quem gostava de dançar ia para lá, para farrear. Agora, naquela época dos americanos era muito bom por uma parte, nós que somos brasileiros nós entrávamos no supermercado nós não conhecíamos um terço só das frutas que estava no mercado, porque tudo era importado. Tinha fruta que a gente comprava não sabia nem como é que era que comia, comprava porque tinha dinheiro para comprar.

P/1 – Que fruta, por exemplo?

R – Muito tipo de fruta. Tudo vinha de fora.

P/1 – E as frutas daqui? Vocês não comiam?

R – Não tinha quase fruta por aqui, não aparecia. Já depois que começou a entrar os colonos, que começaram a plantar, mas isso não tinha isso, tudo vinha de fora, só não era importados a carne e o arroz, o resto vinha tudo de fora.

P/1 – E as plantas? Ai o senhor naquele momento o senhor começou a aprender sobre as árvores, classificar as madeiras...

R – Foi.

P/1 – E as plantas medicinais? Quando que o senhor começou a entender quais são as plantas e a classificação das plantas e dos frutos?

R – Eu comecei aprender as plantas que fornecem madeira, as plantas medicinais, que servem para remédio, e as plantas que são os frutos comestíveis. Tudo isso aprendi.

P/1 – Que plantas medicinais que o senhor descobriu naquele momento que isso é bom para isso, isso é bom para aquilo? Quais são?

R – Olha, nós temos um planta por nome que chama-se casca preciosa. Ela é da família das Lauráceas, Aniba canelilla, é o nome científico dela, olha, o chá dela cura dor de cabeça, diarreia, vômito, mal-estar, diversas coisas, e também você pega o chá para você tomar assim com bolacha é muito gostoso.

P/1 – O senhor descobriu isso lá?

R – Descobri aqui.

P/1 – Aqui, quando o senhor veio para cá?

R – Foi.

P/1 - Mas vocês tinham assim algum acordo para não passar informação para outras empresas? Tinha gente já querendo saber esse tipo de informação? Como é que era o sigilo dessas informações?

R – Não, não tinha.

P/1 – Mas vinha muita gente aqui tipo querendo saber, que procurava o senhor?

R – Sempre vinha muita gente aqui procurando saber as coisas, só que a gente não falava certas coisas porque evitando a pirataria. Porque existe. Porque tem gente que quer só saber as coisas para depois repassar. Mas aqui, essa floresta da Jari é uma floresta rica tanto em madeira nobre, como em plantas medicinais, e frutos comestíveis. Muito rica, tem muita coisa. Agora, nem todo mundo sabe.

P/1 – Fala outras plantas, essa é uma planta que o senhor descobriu além dessa para esse chá, para o bem estar, sei lá, para outras coisas, para outra curas, para beleza, sei lá, enfim..

R – Olhe, nós temos uma planta aqui que é o mata-calado. O mata-calado ela fornece uma substância que é tóxica e é muito venenosa. rianina. Você já ouviu falar desse tipo de veneno?

P/1 – Não.

R – Só que o mata-calado era usado pelos índios aqui. Olhe, isso antes da Jari. Antes da Jari já teve índios por aqui, agora não tem, mas já teve. Então os índios eles plantavam o mata-calado como uma defesa. E usavam como armadilha porque ela tem aqueles brotos, que é espeto... Você sabe o que é espeto, não sabe? Espeto aquele que a gente usa para assar carne, quando a gente vai assar. Dava um espeto, eles tiravam aqueles espetos. Se atravessasse uma pessoa, o homem branco chegasse, ou os espanhóis... que fosse uma aldeia de índio, o índio aqui por perto, se eles iam fazer um churrasco de peixe porque era a abundante aqui, tinha muita coisa. Se eles tirassem um broto de mata-calado e assassem o peixe quando a quentura dava naquele espeto saía uma água aquosa, tipo uma espuma, aquela espuma, na hora que ela pegava exposição no ar, ficava venenosa, aí passava para comida. Só que não matava a pessoa tão rápido assim, podia passar tempo, e também podia passar 30 anos e não matava as pessoas. Então eles usavam isso como armadilha. E usavam outras plantas, o curare que é uma loganiácea. Esse curare eles pegavam a folha e mastigavam. Quando mastiga a folha do curare ela a saliva fica verde. Então a pessoa engole aquela saliva, aquilo é para passar a sensação da fome e da estiva nas longas caminhadas. É por isso que o índio corre muito no mato. Você entendeu? Porque a gente não consegue acompanhar o índio de jeito nenhum. É por causa disso. Eles usam essa sistemática popular deles, os índios. E tudo isso tem essas plantas. Agora, nós sabíamos dessas plantas que são tóxicas, só que a ninguém contava para os outros não, porque se contar muita gente vai querer fumar, vai querer usar. Mas tem aqui no mato.

P/1 – Quais são?

R – O curare.

P/1 – O curare, mas ele dá o quê? Ele dá alguma coisa na cabeça?

R – É alucinógeno.

P/1 – E acha fácil por aí? Aqui tem? E vem gente pegar?

R – Não. Não tem porque não conhece, só quem conhece é nós. A gente não fala para ninguém, eu estou falando agora para você. Se chegasse outra pessoa querendo ver: “Não. Não conheço, não. Não tem, não”. É assim.. É isso, E então acontecia tudo isso.

P/1 – Tem algum fato curioso, marcante, que aconteceu com o senhor nessa época de classificação? O senhor entrava na floresta? Como é que era?

R – Olha...

P/1 – Como é que era esse cotidiano de trabalho?

R – Olha, um número marcante que eu tenho, mas eu me saí bem devido as minhas visões. Quando foi autorizado para nós marcarmos madeira nativa para fazer celulose, veio gente da Embrapa, veio gente de Belém, veio gente de Manaus, tudo identificador, pessoas qualificadas para marcar madeira, chegaram aqui e ficharam, e foi tudo para mata, para os pátios de madeira nas estradas para marcar madeira. Como eles eram qualificados, eram 35, vieram 35 identificadores – já não eram classificadores, eram identificadores – gente que passaram por universidade, um bocado de coisa, mas esse pessoal aprendeu mais o nome vulgar, largaram de mão as partes principais que era a família, o gênero e a parte botânica, e o nome científico. Só queriam saber o nome vulgar porque era mais fácil. Aí, isso foi uma coisa marcante na minha vida. Aí chegou para cá, para pesquisa, um chefe japonês porque aqui ainda tinha gente de 45 nacionalidades, aqui, assim..

P/1 – Todo mundo de olho aqui.

R – Todo mundo de olho aqui. Esse japonês chegou, veio tomar conta da pesquisa, chefe, gente grande. Nesse tempo os identificadores tinham contato direto com o escritório, passavam por engenheiro, por biólogo, por todo canto, era assim. Ele achou que isso não estava certo. Ele chamou o Seu Nilo, nesse tempo Seu Nilo trabalhava aqui. E falou: “Nilo, tem 35 identificadores e tem mais três que carregam tinta para o pessoal pintar”. O pessoal não queria nem carregar pincel. Não, não carregavam, não. Aí ele disse assim: “Olha, tem 35 então vamos ter que fazer um teste para esse pessoal, mas um teste em sigilo para que eles não saibam, porque só assim eu vou saber quem é o melhor”. Todo dia pegava um e levava para mata, andava bastante pela estrada de carro e a cada instante perguntava, o japonês perguntava: “Que pau é esse

aquí?”, “É tal pau”, “Que família?”, “Família tal”, é isso, outro é aquilo, e eu dizendo. Está bom. Mas ele estava registrando aquelas perguntas. Depois aí ele chegava: “Nilo, está certo?”, “Isso está errado, isso aqui ele falou errado, isso aqui falou certo, isso aqui falou errado, aqui falou certo”. Quando completou os 35 Seu Nilo disse: “Ainda tinhas mais três para vir”, o pessoal que carregou tinta. Ele disse: “Vamos pegar um, vamos pegar só um, porque se carrega tinta”, o japonês falou, “Eu sei que não tem conhecimento, carrega tinta para o pessoal trabalhar”. Está bom. Eu quando vi eles tudo de Elevareon. Eu disse: “Eu vou ficar esperto porque tem coisa diferente aqui”. Eu notei. E os outros ninguém notou, o restante não notaram nada. Um outro dia eles me levaram para andar no mato. E eu fui andar, tal, tal, tal, tal, tal. Quando chegou assim, tinha uma palmeira, uma palmeira muito bonita, assim. Aí o japonês perguntou, disse assim para mim: “Dominguinho, você sabe que palmeira é essa?”, eu, “Qual? Aquela ali? Sei”, “O que é?”. Aí eu disse assim: “Olhe”. Disse para ele: “O povo do interior eles chamam essa árvore de bacaba, mas eu conheço como *Oenocarpus bacaba*, da família das *Arecáceas*”. Está bom. Eu não sabia se ele tinha registrado. Depois perguntou para o Seu Nilo: “Que tal aquela primeira pergunta?”, “Está certa e está completa”. Disse: “Agora eu vou pegar e ver uma madeira”. Aí chegou numa madeira no meio de muitas árvores e escolheu uma, ele disse assim: “E essa árvore aqui, que árvore é essa?”, eu disse, “Olha, o pessoal daqui chama de *rosadidi*, mas eu conheço como *Nemalomas anomalus*, é uma *sapotácea*”. Está bom.. Eu disse completo. Ele fez seis perguntas e eu respondi tudinho. Mas aí voltamos para almoçar e ele: “Está bom, agora tu fica por aqui”. Está certo. Que quando foi uma semana chamaram para o escritório, todo mundo. Aí eu fui lá para o escritório. Isso foi a parte mais marcante que aconteceu comigo, porque quando chegou lá o japonês falou e disse: “Olha, é o seguinte, agora vocês vão ser subordinados ao Seu Domingos, ao Seu Dominginhos, porque ele foi o único que passou no teste”. Ah, o pessoal ficou muito bravo, e disseram: “Mas ele não sabe nada”. “Eu não sei, só sei que no teste ele passou”, falou. “Se ele não sabia nada, eu não sei”. Aí eu logo peguei um papel e falei: “Agora vocês vão assinar aqui que eu vou mandar em vocês”, mas eu falei de brincadeira que eu gosto de brincar, “Agora vão assinar o nome de vocês”. Aí como estavam ali eles assinaram. Aí eu fiquei tomando conta da parte de identificação. Aí depois chegou o manejo. Eu treino o pessoal, os identificadores. Todo identificador que tem aqui é treinado por mim. Por sinal tem identificador que já mandou até o agradecimento para mim, que está na África fazendo o maior sucesso lá. Gente que aprendeu comigo aqui.

P/1 – Veio muita gente aprender com o senhor aqui?

R – Muitos. Já aprendeu muita gente. E ainda tem, tem muito identificador. E eu é que preparo as listas tudinho.

P/1 – Quer dizer, o senhor teve o Seu Nilo, que o senhor foi aprendendo com ele, mas tinha um conhecimento prático de ficar dentro da floresta, estudando, fazendo expedição, teve isso?

R – Não. Estudava mas era pouco de ir à floresta, eu só ia pegando algum detalhe que ele falava. Porque ele gostava que a gente perguntasse, e eu gostava de perguntar, era por isso que eu aprendia. E..

P/1 – Você olhava as amostras...?

R – Olhava as amostras, vinha aqui olhava assim e ia aprendendo. E uma coisa que ele me disse, ele me disse assim: “Olha, Dominginhos, a gente quando está numa profissão a gente tem que aprender a fundo aquela profissão para gente não abaixar a cabeça para qualquer um”. E eu digo para você com toda sinceridade, até agora – pode ser do meio dia para a tarde aconteça – mas até agora ainda não chegou um que conhecesse mais madeira do que eu aqui no Jari, aqui na Jarida. Não veio. Olha, tem engenheiro que só chega até Belém, mas não vem nem aqui porque acha que é difícil, porque os testes, fazer é difícil. Olhe, para mim, pegar o primeiro diploma de identificação de madeira eu tive que fazer, dentro de uma hora, 100 fichas de dendrologia.

P/1 – Cem fichas de...?

R – De dendrologia.

P/1 – O que é dendrologia?

R – Dendrologia é você conhecer a planta por dentro e por fora, escrever, só fazer preencher aquela ficha. Teve engenheiro que preenchia um nome só, o outro deixava até em branco. E eu venci, eu fiz tudinho. Mas porque já sabia. Eu vinha prestando atenção na madeira. Porque a gente tem que conhecer a planta, a madeira, parece que quem conhece as pessoas.

P/1 – O que é parataxinômo.

R – Parataxinômo.

P/1 – Parataxinômo.

R – Olha, parataxinômo foi agora em novembro do ano retrasado, teve uma conferência no Rio Branco do Acre, aí um botânico americano resolveu reunir os melhores identificadores do Brasil para uma reunião no Rio Branco do Acre, que é para nós falar só uma língua. Porque tinha muitas coisas, que madeira ia daqui com um nome, que a Cikel mandava com um nome, o Triângulo mandava com outro nome e complicava o mercado na Europa. Então agora nós temos que falar só uma língua. Fui eu daqui de Monte Dourado, eu fui como identificador; outro identificador da Embrapa, de Macapá; dois de Belém; dois do Amazonas; do Acre: e de Ariquemes; e um da África, e o resto foi do Congo, que vieram esse pessoal. Gente muito inteligente. Gente que veio aqui e falava bem o português, conhecia e tudo mais. Então ele botou nós numa reunião tudinho, lá, para nós conversarmos e falarmos só uma língua, ver o que era que um falava uma coisa, o outro falava outra. E então nós fizemos isso. Foi feito um teste lá, lá na Rio Branco. Nós passamos 6 dias nessa reunião. Nós entrávamos 7 horas da manhã, saía meio-dia,

entrávamos 1 hora para sala e saía 8 horas da noite. Aonde nós aprendemos o manejo digital florestal, que aqui é manejo florestal sustentável.

P/1 – O que é manejo florestal digital?

R – O manejo florestal digital a pessoa não corta nadinha na floresta, você vai com GPS, olha uma árvore, clica ali e de lá, não corta nadinha, identifica também, aí procura outra, quando chegar na outra fazer o mesmo sistema, aí vai para outra, aí que quando for depois está tudo no GPS, aí o computador prepara o mapa. Mas só que no mapa, no computador, aparece só as árvores que foram identificadas, as outras não aparecem. Assim que é o manejo digital. Aí não mexeu nada com o meio ambiente. Aí é assim, não mexe nada com o meio ambiente, que quando chega o corte da madeira, lá no Congo. Quando chega o corte da madeira o pessoal vai com o GPS, o GPS que vai mostrar onde está a árvore, vai derrubar só aquela, aí de lá, põe GPS, já sabe onde está a outra. É assim que máquina vai pelo mato não corta mais, não faz dano nenhum, quer dizer, faz dano, mas é pouquinha coisa.

P/1 – Mas hoje ainda a gente exporta madeira?

R – Hoje aqui tem que fazer a picada, faz as parcelas, tudinho.

P/1 – O que é picada? Parcela?

R – As parcelas... É assim, eles fazem, assim, primeiramente, os blocos, grandes. E dos blocos faz as parcelas assim de 40 hectares, assim, e dentro das parcelas divide, em cinquenta em cinquenta metros, que é para gente poder entrar lá e identificar tudinho. Mas é tudo fora, o que é picado vai cortando, assim, e botando fita, tudinho. Então, mas ali fica roçado. Desse manejo florestal sustentável. E nós, de cada um hectare, nós só tiramos 40 metros cúbicos, que às vezes da 3, 4 árvores, só, o resto fica tudinho.

P/1 – Quer dizer, isso que mudou em relação ao passado quando o senhor começou.

R – É. Porque olha, o manejo florestal sustentável aqui é muito bem organizado, aqui. Só você olhando lá para você ver como é a nossa preocupação com o meio ambiente, aqui. Aqui é muito bem feito o serviço. E lá no Congo eles usam o manejo florestal digital. Não corta nada. Porque para lá é país subdesenvolvido, mas vai chegar para cá isso.

P/1 – O senhor estava falando dessa conferência que vocês participaram, foi o pessoal do Congo, veio gente de várias... outros técnicos de outras regiões daqui... e o senhor ia me explicar o que é parataxinômo...

R – Parataxinômo.

P/1 – Parataxinômo.

R – Olha...

P/1 – Por que tem esse nome? De onde surgiu?

R – O parataxinômo, eles botaram como um nome digno de identificador. Quer dizer que o parataxinômo é o nome do identificador que conhece a planta pelo gênero, pela família, e pelo nome vulgar, e também pelas classes, subclasses e ordens, tudinho. Quer dizer, a gente conhece uma madeira todinha assim. Você quer uma explicação? Eu pego um livro aqui que eu escrevi.

P/1 – Pode pegar.

R – Só para você ver. Só para você ter uma ideia por que o nome.

P/1 – Está bom.

R – De uma espécie.

P/1 – Habitat.

R – O nome é por aqui.

P/1 - Habitat.

R – Aqui é o seguinte, olha. Olha como está aqui. Aqui, essa família aqui... Cadê o nome vulgar aqui... Folha, folha, folha.

P/1 – Casca.

R – Casca, frutas, folhas... Nome vulgar: Axuá. Isso aqui é uma planta. Axuá, o código dela é esse aqui: 059. Aqui, olhe, tem 28 itens. Isso aqui que é o trabalho do parataxinômo. Aqui, olhe, item 1: filo. O filo é o reino vegetal. O reino vegetal. Vem, subfilo: planta vascular. A divisão: Angiosperma. Angiosperma, você sabe por que angiosperma, porque ela produz semente. Tudo isso aqui tem muita coisa para pessoa perguntar.

A classe: Dicotiledônea. A subclasse: Rosidea. A ordem: Rosales. A família: Humiriácea. O gênero: Ventanea. Nome botânico: Ventanea guianenses. Nome vulgar: Axuá. Descrição da árvore: tronco cilíndrico. Folha: simples, alterna na face superior; inferior – verde brilhante. Flor. Inflorescência: em cimeiras ou panícula. A inflorescência é quando começa a flor, que chama-se de inflorescência. Agora, aqui ainda tem mais de uma inflorescência: a flor: com esta flor, cálice verdes, corola e estames rosas, e anteras amarelas. Aqui a floração. Você quer saber a floração de uma árvore dessas, você vê aqui: agosto e setembro. A flor... isso aqui vai embora, tudinho... A frutificação: outubro e novembro, que você vai poder colher essa madeira. O fruto: é uma drupa. Você sabe o que é drupa?

P/1 – Não.

R – Não. A drupa é um fruto que tem só uma semente, se tiver mais de uma semente não é drupa, é baga. Isso aqui é tudo nome botânico.

P/1 – Científico.

R – É, científico, é. E assim vai indo. Aqui está a descrição da madeira, tudo como é, a casca, tudo, tudo, a exsudação, se tem peso específico, peso líquido...

P/1 – É isso que faz sua profissão.

R – É. É isso que é difícil do pessoal... E ainda tem mais outra coisa sobre o parataxinômo. O parataxinômo é aquela pessoa para saber se comunicar com outras pessoas. Se comunicar da seguinte maneira. Em comparação: se você for uma pessoa religiosa eu vou conversar com você sobre a bíblia. Se gostar de futebol, vamos conversar sobre futebol. É assim. E se ele for comerciante nós vamos conversar sobre cereais, sobre comida, essas coisas todas, sobre comércio. Qualquer função que ele for então a gente tem que saber. E se ele for o cara que gosta de namorar, vamos conversar sobre mulher: "Que mulher bonita, coisa e tal". E então é isso, a gente tem que saber se comunicar com o outro. E se você for bióloga eu tenho que conversar daquilo que você, que é a sua profissão, que é para você me prestar atenção, porque se não eu começo a falar outras coisas, lhe dá sono, e você nem está prestando atenção no que eu estou falando. É isso. Mas quando eu fiz esse teste de parataxinômo, eu já tinha feito o TWI, pelo Senai. É um curso que entra tudo negócio da gente saber como conversar com as pessoas. Porque, olhe, tem vez que a pessoa fala uma palavra que machuca o outro, às vezes machuca mais uma pessoa do que a pessoa bater na pessoa. Então é isso. O cara tem que conhecer... A pessoal tem que analisar e também a pessoa pensar sobre aquela pessoa, falar as coisas que não machuque as pessoas, para sair todo mundo satisfeito, rindo, essas coisas todas. A gente tem que respeitar o sentimento de cada pessoa. Olha, tem vez que chega gente 'brabinha' aqui, eu começo converso com ele, e sai rindo. É, assim.

P/1 – Seu Domingos?

R- Sim

P/1 – O senhor contou que essa curiosidade: por que os índios usam determinadas plantas... Tem alguma coisa de mistério em torno das plantas aqui, que gira, folclóricas, tal planta é para isso, é para aquilo? Tem alguma coisa em torno do folclore?

R – Ah, tem o buçu. É uma palmeira. O nome é Manicaria saccifera. Antes dele dar o cacho vem uma fibra envolvida no cacho, que dá-se o nome conhecido pelos nativos de tururi, é como é conhecido no interior, tururi. Então eles tiram aquela fibra. Sabe o quê? Só faz colher aquela fibra, já vem pronta. Aí prepara camisa, saia, blusa, chapéu, faz um bocado de coisas, negócios de flores. Faz tudo quanto, tanto de artesanato, quanto de folclore. Um bocado de coisa é feito do tururi. É. Porque se você fosse lá em Parintins no tempo da festa muita coisa você ia ver, feita de tururi. E aqui tem tururi, mas não usam quase, não. Então tururi é uma planta muito bonita. E ainda tem mais uma coisa, ela tem uns coquinhos assim redondos, que tem uma água muito saborosa, mas você tem que cortar e tomar no coco, porque se você tirar e botar no copo aquela água fica ruim, não presta. É muito bonita. E ela é aproveitada a fibra, que é para fazer essas negócios de artesanato, essas coisas todas. O fruto, para gente comer; e a folha para cobrir casa, essas casas rústicas do interior. É. Uma planta muito boa. Muito bonita.

P/1 – Seu Domingos, aí o senhor casou, teve filhos aqui?

R – Teve. Casei...

P/1 – Como é que o senhor conheceu sua esposa?

R – Ah, sim. Foi em 1979, eu me empreguei numa firma de exportação de madeira em Macapá, na PVS, e lá um dia aí teve uma festa, eu fui; Aí eu vi essa menina, mas eu já estava gostando de uma prima dela, e de lá eu resolvi deixar a prima dela e comecei a gostar dela. Aí a gente casou. Só que ela era muito novinha, muito novinha quando a gente casou. Quer dizer, ninguém casou, a gente se amigou, porque o padre não quis fazer o casamento, foi devido a idade dela.

P/1 – Quantos anos ela tinha?

R – Ela tinha 13 anos.

P/1 – Treze? E você?

R – Eu tinha trinta. Não, tinha 29, quase 30 anos. Mas porque foi o seguinte: eu estava bem empregado nessa firma, ganhava bem dinheiro, e ela

tinha morrido o pai dela, morrido a mãe dela, eles moravam no interior com os parentes, com os tios. Os tios também não eram muito bons. E eram 6, não, 5 filhos, que eles tinham. Aí depois que a gente se amigou, a empresa me deu uma casa, eu levei ela para lá e ela levou os meninos para lá, e eu terminei de criar os meninos tudinho. Teve que criar as meninas. As meninas estão tudo formadas, trabalhando por aí. Aí começou a nascer meus filhos.

P/1 – Quantos vocês tiveram?

R – Nasceu primeiro o Arnaldo. O Arnaldo ele trabalha em Goiânia, ele é auditor, auditor e é contábil. Aí nasceu Amiraldo, o Amiraldo ele trabalha aqui no coração da fábrica, aqui também está bem. E está chegando hoje de São Paulo, que ele foi ver umas peças aqui para Jari. Aí nasceu uma filha minha, Lucélia, é o nome dela. A Lucélia nasceu, começou a estudar aqui, terminou o segundo grau, eu botei para Belém, aí ela queria ser dentista. Aí ela estudou, passou três anos para ver se conseguia passar no vestibular, mas não passava, ela chorava, achava que não ia vencer, e a gente sempre dando o apoio, venceu, hoje ela é doutora cirurgiã odontológica. Hoje ela trabalha em Belém, tem a clínica dela e é funcionária da prefeitura. E eu tenho outra, a mais velha, que nasceu primeira, ela é deficiente, ela sofreu com paralisia infantil. Essa uma não trabalha, ela vive em casa. E aí nasceu um filho meu, o Alex, o caçula. O Alex nasceu, terminou o segundo grau, eu botei ele para Belém para estudar, aí começou a estudar para se formar, aí ele viu que engenheiro florestal era uma profissão muito corrida e já tinha demais gente. Aí ele andando por aí ele viu uma profissão de engenharia de peças, onde é usada na Finlândia, que tem umas pessoas que usam essa profissão, que é uma profissão muito rendosa. Aí começou a se formar. Só que ele não teve sorte. Ele sofria uma doença com nome de colite. Que quando ele estava no mês para se formar, ele ia se formar agora em setembro, quando foi agora em maio ele faleceu, em Belém. Já estava com os currículos, já tinha espalhado currículo para um bocado de empresa. Aí quando é agora que estão chamando e ele já morreu. Ele morreu num hospital em Belém. E tem outra filha, de novo, que é a Natali, que essa uma estuda Letras em Macapá. E eu estou por aqui levando a vida assim.

P/1 – Como que é seu cotidiano aqui? O que você faz?

R – Eu trabalho aqui. Trabalho lá no viveiro.

P/1 – O viveiro, o que o senhor faz no viveiro?

R – No viveiro? No viveiro eu faço só supervisionar as orquídeas. Tem um pessoal que está trabalhando lá e eu vou lá ver como que está indo.

P/1 – As orquídeas daqui da região?

R – Daqui da região.

P/1 – Quantas espécies têm?

R – Nós temos 118 espécies em 2500 unidades.

P/1 – E quantas espécies de madeira tem classificado?

R – Tem 583, classificado. Quer dizer, completa. Mas incompleta tem para mais de mil espécies de madeira aqui. Tem muita coisa. Isso foi...

P/1 – Isso aqui pertence ao Jari, ao Projeto Jari.

R – É o Projeto Jari isso aqui, xiloteca. A chefe daqui chama-se Cátia Regina da Silva, ela que é chefe daqui.

P/1 – O senhor tem um grande sonho hoje? Quais são seus grandes sonhos?

R – Meus sonhos? Olhe, eu não sei, eu fico até pensando sobre meus sonhos, porque o sonho que eu tinha era conhecer muita coisa, as plantas. Porque, olhe, eu ainda faço o seguinte: eu acompanhei a minha filha estudando desde do pré até ela se formar, os livros dela tudinho, as notas dela tudinho. Ela estudava lá depois eu estudava. O meu filho que se formou em Direito eu também acompanhei o estudo deles tudinho. Mandava os livros, caderno, tudo, eu ia lendo tudinho. É para eu ficar atualizado com tudo isso. Contanto que depois, uma vez, por brincadeira, saiu um, como é que diz, uns testes sobre o ensino médio, e eu me inscrevi, preenchi a ficha, passei em tudo. Aí depois, aí perguntou... Faltava vir o diploma, falei: "Não, não estou querendo mais isso não. Isso aqui foi só para mim provar o meu conhecimento". Mas eu tenho 26 diplomas, de muitas coisas.

P/1 – Quais?

R – Eu sou fotógrafo, sou identificador de madeira, sou classificador, trabalhei em almoxarifado... É um bocado de coisas que eu já fiz. Mas é bom ter certos diplomas assim, para dizer que sabe alguma coisa. Fiz diploma de negócio de computador, para fazer um monte de coisa, só que depois a gente não trabalha para profissão e esquece muita coisa. Mas é assim. O meu sonho agora é ficar trabalhando aqui até quando Deus quiser, o dia que Ele não quiser mais, eu já estou aposentado.

P/1 – Seu Dominginhos tem muita coisa que a gente não falou, porque o senhor tem um conhecimento...

P/1 – Seu Dominginhos, então, eu estava falando: o senhor tem uma vida, um conhecimento tão ilimitado, que tem várias perguntas que eu

poderia ter feito e não fiz. Mas o quê que o senhor, do quê que a gente passou, e a gente não tocou no assunto, o senhor acha importante deixar registrado?

R – Olha, uma coisa que tem que ficar registrada é o seguinte, é que eu tenho um conhecimento tão bom, e até aqui não tem outro para me substituir... Que podia trabalhar aqui junto para ensinar, para mim deixar, assim como eles deixaram, os outros deixaram, porque eu peguei então eu tenho que deixar para outros o conhecimento. É isso que está faltando botar uma pessoa para cá que queira aprender as coisas.

P/1 – O que o senhor achou dessa experiência de dar o depoimento sobre sua história de vida? Contar sua história, o que você achou?

R – Eu achei bom. Ótimo. É bom fazer isso. Porque a gente aprende muita coisa e lembra muita coisa que a gente fez que está esquecida. Eu gostei muito desse conhecimento de ter encontrado com vocês e nós estarmos aqui conversando.

P/1 – Eu queria agradecer. Sua história de vida é linda.

R – Está.

P/1 – Obrigada!

R – De nada!